

São Paulo promove encontro para dar apoio a migrantes e refugiados

A Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania realizou, ontem, o 1º Encontro Internacional e 2º Encontro Estadual Sobre Migração e Refúgio. O Dia Mundial dos Refugiados é celebrado hoje em todo o mundo, conforme resolução da Assembleia Geral das Organizações das Nações Unidas (ONU).

Evento, promovido pela Secretaria da Justiça, reuniu refugiados, profissionais da área jurídica e representantes de entidades internacionais

Dividido em três painéis, foram apresentados os números de refugiados no mundo, o Atlas Temático da Migração em São Paulo – Migração Refugiada, do Núcleo de Estudos da População Elza Berquó (Nepo) da Universidade de Campinas (Unicamp) e a Revista Digital Global Trends – 2017. Além de refugiados, profissionais da área jurídica e acadêmicos, o evento contou com a participação do representante do Acnur – Agência das Nações Unidas para Refugiados, Frederico Martinez.

De acordo com Rosana Baeninger, do Departamento de Demografia da Unicamp, o Atlas Temático Observatório das Migrações em São Paulo – Migração Refugiada permite avançar em políticas públicas em relação ao problema do refúgio. O documento está dividido em três partes, com mapas, gráficos e tabelas sobre a população refugiada no século 21 e sua espacialização, principalmente, no Estado de São Paulo.

Marcelo Knobel, reitor da Unicamp, explica que, no período de 1980 a 2018, apenas 47 estudantes refugiados entraram na universidade. “Alguns deles já estão na pós-graduação. Eles se concentram mais na área de economia, engenharia elétrica e medicina”, afirma. A Unicamp também realiza diversas ações, como a parceria entre a Cátedra Sérgio Vieira de Mello – da Unicamp – com a prefeitura de Campinas para cadastro dos migrantes e refugiados na cidade. Outras iniciativas foram realizadas com a Mostra Fotográfica



Na sede da Secretaria da Justiça, McNamee ressaltou a experiência do Canadá no acolhimento dos refugiados



Aqui sou livre, diz Lara ao lado de Abdulbaset



Venezuelano Carlos Daniel vive como refugiado



Congolês Jean: “Adotei o Brasil como meu país”

dos Refugiados da Casa de Passagem Terra Nova e rodas de conversa no câmpus de Campinas.

O Estado de São Paulo criou, por meio do Decreto Estadual nº 52.349/2007, o Comitê Estadual para Refugiados – CER/SP, que busca desenvolver o Programa Estadual de Direitos Humanos e garantir a essa população o acesso a direitos civis, políticos, sociais e culturais no Estado.

Exemplo – Dados do Acnur revelam que há 1,7 milhão de pedidos de refúgio em todo o mundo. Os Estados Unidos, ainda, lideram o ranking de pedidos de asilos, com 331 mil, seguidos da Alemanha (198 mil) e Itália (126 mil). Entre os que pedem refúgio, os sírios lideram, com 146 mil solicitações, seguidos pelos afegãos e sudaneses. Por causa da sua crise política e econômica, a Venezuela ocupa o quarto lugar nos novos pedidos de refúgio. Em 2015, eram 10,2 mil; passaram para 34,2 mil em 2016 e chegaram a 111,6 mil em 2017. O Peru é o país que mais recebe venezuelanos, seguido pelos Estados Unidos e Brasil. Segundo o Acnur, 1,5 milhão

de venezuelanos deixaram o país entre 2000 e 2015.

O Canadá, considerado país modelo no acolhimento de refugiados, foi representado no encontro pelo cônsul James McNamee, responsável pelo setor de vistos e imigração. A política pública do país para refugiados remonta a 1776, quando os americanos, fugindo da Guerra da Independência contra os britânicos, conseguiram asilo, bem como os escravos negros. “Infelizmente, na década de 1920 e durante a segunda Guerra Mundial, tivemos uma política de fechamento de fronteiras para asiáticos e judeus”, salienta McNamee. Hoje, o Canadá é o primeiro país do mundo que possui patrocínio privado para refugiados, além da política estatal. Em 2015, mais de 20 mil refugiados conseguiram asilo, enquanto em 2016 o número passou para 46,3 mil.

Pacto global – Dados da Polícia Federal revelam que 32,2 mil venezuelanos solicitaram refúgio ao Brasil em abril deste ano. Roraima concentra o maior número desses refugiados (70%). Por causa da onda migratória dos venezuelanos, o Governo federal está realizando política de interiorização, ou seja, os refugiados estão sendo enviados para outros Estados, como São Paulo.

A venezuelana Isabela Brivot, 32 anos, está entre esses refugiados. Encaminhada para São Paulo, ela vive na Casa de Passagem com o marido e os quatro filhos. A Casa de Passagem é equipamento do Governo estadual, ligado à Secretaria de Desenvolvimento Social, destinado a esse tipo de atendimento. “Ficamos dois meses em Boa Vista (Roraima), mas lá as condições também são difíceis. Cheguei à Casa de Passagem no dia 6 de março”, conta.

“Para o mundo, hoje, estamos vivendo um momento mais importante do que aquele de 1951, quando foi lançado o Estatuto do Refugiado. Há necessidade de um pacto

global para as políticas para refugiados”, salienta Martinez, do Acnur.

Mais livre – O jornalista venezuelano Carlos Daniel Escalona Barroso, 34 anos, vive como refugiado no Brasil há dois anos. “Denunciei em minhas reportagens os problemas de meu país. Fui sequestrado e, quando solto, vi que não tinha mais condições de ficar na Venezuela. Vim para o Brasil e meus pais foram para o Equador”. Hoje, não exerce mais a profissão. Trabalha como auxiliar de cozinha num hotel, além de tentar tocar um negócio próprio na área de alimentação.

A analista de sistemas, Lara Lopes, de 34 anos, de Moçambique, precisou sair de seu país por causa de sua orientação sexual. “Havia uma grande pressão familiar e social. Não conseguia emprego, cheguei a apanhar da polícia. Resolvi dar um basta, peguei o avião e vim para o Brasil. Durante as 11 horas de viagem pensei muito sobre os rumos que iria tomar na minha vida aqui. Somente entrei em contato com minha mãe seis meses depois que havia saído de Maputo”. Residente em São Paulo, Lara diz que se sente mais feliz no Brasil. “Aprendi que aqui sou livre apesar de todos os problemas enfrentados”.

Abdulbaset Jarour, sírio nascido em Alepo, é coordenador da Copa dos Refugiados. “Estou no Brasil há quatro anos e tenho parentes espalhados por todo o Oriente Médio. A Copa dos Refugiados é uma maneira de mostrarmos a nossa situação e integrarmos os brasileiros com os refugiados”.

O congolês Jean Katumba, presidente da ONG África do Coração salienta que há necessidade de uma política de sensibilização para que a população conheça melhor os refugiados. “Hoje, eu estou refugiado, mas já adotei o Brasil como meu país”, finaliza.

Maria Lúcia Zanelli
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial



Martinez (do Acnur): “Há necessidade de um pacto global para as políticas para refugiados”